

JULIETA MONGINHO

A TERCEIRA MÃE

*Quem será que nos arremessa estas almas inocentes?
Repara, estão exaustas, completamente esgotadas
Nos seus berços forrados a tecido, os nomes presos ao pulso,
Pequenos troféus de prata que vieram buscar de tão longe.*

Sylvia Plath

*Depois sussurra: a mãe não
é mãe. O mundo não é o
doce mundo. O amor é ódio
mudo e desconfiado.
O Príncipe, um caçador;
a vida, morte.*

Robert Walser

Rosalina

Aos quatro anos Rosalina foi levada de casa dos pais. A tia Alice convencera o irmão a entregar-lhe a menina para criar. Tinha mais poses do que ele, podia oferecer-lhe um bom futuro, seria a filha sua de tantos sonhos incumpridos. A mãe disse-lhe «vai com a tia, ela gosta tanto de ti que prometeu tornar-te uma princesa a sério. Vai lá, não chores, uma princesa nunca chora.» Foi assim, olhando fundo nos olhos fuscos da mãe enquanto as mãos escorregavam do pescoço dela, que aprendeu a não chorar. A partir daí só veria os pais uma vez por semana. A tia vestia-lhe o bibe das joaninhas bordadas e dizia «hoje vamos visitar os teus irmãos.» Calçava-lhe os sapatos de verniz e as soquetes brancas que vincavam as pernas. Levava-a segura pela mão.

Ela adorava as visitas. Sentia-se feliz por sair da Casa de Colmo e voltar à Casa de Pedra, os degraus invulneráveis e altíssimos. Cada degrau apressava o coração até as joaninhas saltarem do bibe e treparem ao alto, onde se colocavam os irmãos. Em parada, limpos, descalços, numa escala decrescente com um salto de vazio no meio. O vazio chamava-se Rosalina.

Pela mão da tia Alice, subia ao cimo das escadas como a um Evereste feito de algodão doce. O abraço da mãe, o cheiro a alfazema misturada com geleia, o rebuçado de laranja estrategicamente colocado dentro do bolso da bata. Os óculos do pai, a imagem de um saber inalcançável. Os olhos dos irmãos, mais escuros do que o escuro à volta, cheios de curiosidade. A Maria do Céu, o Teófilo, a Célia, o José, o espaço vazio – Rosalina, do lado de cá, com o vinco das soquetes nas pernas e a

ânsia de alegria – o Afonso, o Serafim. Teria bastado um saltinho só, do lado de cá para o lado de lá, na fila – o ombro do José encostadinho ao ombro da Célia, o ombro do Afonso encostadinho ao ombro do Serafim – e pronto, um saltinho só para Rosalina caber entre o irmão José e o irmão Afonso. Depois das bolachas de araruta molhadas no chá de lúcia-lima, iam todos à varanda numa algazarra visitar as malvas. Carnudas, cada uma de seu tom. A mãe gostava mais de malvas que de rosas, talvez o perfume exigisse maior trabalho à imaginação. Na primeira semana, Rosalina arrancou uma flor do vaso e macerou-a, a mão escondida atrás das costas, até os dedos chuparem toda a seiva vermelha. Na segunda semana, a mãe ofereceu-lhe um vasinho pequenino com brincos-de-princesa, só para ela.

Quando estava sozinha no quarto, em casa da tia, a brincar aos piqueniques, às vezes um barquinho passava e dentro dele os irmãos assobiavam um cânone, o «Frère Jacques». *Dormez-vous, dormez-vous*. A irmã mais velha a começar *Sonnent les Matines*, os outros a segui-la. Quando era a vez de Rosalina, entrava o silêncio. O silêncio existia em seu lugar. Os irmãos iam à escola descalços, atiravam pedrinhas uns aos outros, compravam almece e comiam-no com açúcar. Rosalina lanchava, à mesa da cozinha, fatias de pão com manteiga e chocolate quente. Queimava a língua no chocolate e emudecia. A tia Alice soprava-lhe na língua, perguntava-lhe «estás melhor?», ela abanava a cabeça com um sim, mas continuava calada como um não.

O irmão

Se me tivesses pedido, eu até tinha empurrado a Célia. Bastava teres-me mostrado o espaço vazio. Eu não via o teu espaço vazio. Nenhum de nós via, pensávamos que preenchias um espaço imenso no palácio. Tu subias a escada devagar, meiinha branca, sapato de verniz. Nós subíamos dois degraus de cada vez, esfolávamos os joelhos, sujávamos os pés.

– Ó Zé, vai lavar os pés!

– Seus ignorantes, isso não rima nem tem piada. Zé é singular, sou eu, canhoto e poeta. Pés é plural, temos dois, o singular não rima com o plural, só eu sei fazer versos.

Mesmo assim, às escondidas, lavava os pés a toda a hora. E às escondidas fazia os meus poemas. Na esperança de que um dia aquela gente parasse de me ralhar e me aplaudisse.

Tu eras assim uma espécie de plural do nosso singular, não rimavas connosco. Quando a mãe nos dizia «amanhã a vossa irmã Rosalina vem cá visitar-nos, têm de se portar com juízo», olhávamos uns para os outros e não percebíamos a palavra irmã. As colheres paravam a meio caminho, durante dois minutos antecipávamos o juízo que teríamos no dia seguinte e depois desatávamos a ser irmãos outra vez. Nós seis, irmãos. Arreliávamo-nos, a Célia enfiava uma colherada de sopa na boca do Serafim, o Serafim berrava, o Teófilo tirava a côdea do pão do Afonso, a Maria do Céu mandava-nos calar. Talvez a Maria do Céu

percebesse a palavra irmã a propósito de ti, mas estou convencido de que também não via o espaço vazio.

Se me tivesses mostrado o espaço, eu até tinha empurrado a Célia. Quando percebi que nos apontavas o vazio com os olhos e a ponta do sapato de verniz, já não havia espaço e já não havia nós. Havia vários nomes dispersos, incluindo o teu. E a Maria do Céu tentando juntar os cacos das sílabas para formar uma palavra.

Quando percebi, estávamos os dois, por acaso, num barco de Lisboa para o Barreiro. Eu tinha-te dado os dois tostões para o bilhete e olhava para a ponta do teu sapato sem verniz, quase sem sapato, quase só com as linhas que se imaginam num sapato. E senti vaidade por nunca ter tido inveja de ti. Inveja tive dos poetas maiores, inveja tive dos atrevidos, dos que diziam palavrões, dos que não precisavam de um quarto de pensão para consolar o corpo. De ti? Nunca. Não fazias versos, não dizias palavrões, se calhar nem os repetias baixinho e à socapa como eu. De ti nunca tive inveja. E naquele fim de tarde, o sol, mal-humorado, a enfiar o focinho no rio, percebi que costumavas apontar-nos o vazio com os olhos, tal como nessa hora apontavas a felicidade num lenço bordado por ti, explicando os pormenores, nomeando os pontos.

Sorrindo, em vez de chorares, ao dizeres por inteiro o nome correspondente à letra V, acabada de bordar.

Aos quinze anos, Rosalina falava francês, tocava valsas no piano. Chamava-se menina Amália a professora de piano e de francês que lhe ensinava a *Sonata ao Luar* e o *Danúbio Azul*, Corneille, Racine e Molière. O tio Celestino ouvia, surdo, fardado de capitão do exército. Usava um boné e galões dourados sobre a cinza que ele era, farda de si próprio. «Rosalina, mostre as suas mãos. Palmas para baixo, palmas para cima. Apresentaaaaar MÃOS.» As mãos de cera, confundidas com armas. Unhas cortadas no sabugo, verniz amargo para não serem roídas, sem uma mancha de tinta. «Não se borram papéis na minha casa», dizia o tio Celestino. «Mas a pequena tem tanto jeito», argumentava a tia Alice, ajeitando o travessão de tartaruga ou o fio de ouro à volta do pescoço para o marido não notar o atrevimento. «Tanto jeito que a professora até me aconselhou a mandá-la estudar Belas-Artes, vê lá tu.»

Desde que pintara uma andorinha primaveril numa fita encarnada, a pedido de um primo, para a queima das fitas, Rosalina tinha ganhado apego à pintura sobre seda, como se inventasse um alfabeto alado. Quando se apanhava sem o marido, a tia Alice ia a correr comprar-lhe as fitas à loja do senhor Atouguia, na arcada da Praça do Giraldo. Da ponta do pincel nasciam borboletas, gaivotas, toutinegras, tudo o que voasse. Ao fim da tarde, Rosalina esfregava os dedos com pedra-pomes até ficarem imaculados. «Apresentaaaar DEDOS!» Trémulos, imaculados, incertos, afeiçoados às teclas. Não se pareciam nada com os dez anõezinhos da Tia Verde-Água, não se aprestavam ao rodar da vassoura nem ao esfregar das nódoas nos

guardanapos nem à cadência da colher de pau, como os da gravura no livro de contos.

As asas sim, às vezes eram nódoas. Outras vezes pensamentos extraviados: se as asas voassem para sul encontrariam o reino das pedras bailarinas; se voassem para norte, o reino dos cristais furta-cores.

Dedos esculpidos para sonhar, com eles pintava asas e riscava dias num calendário feito de fugas para cidades invisíveis, todas nome e infinito. Às vezes passava horas a olhar para as fotografias penduradas nas paredes, procurando sem êxito um sinal de reconhecimento: bustos sem vida de antepassados tristes, batalhas ancestrais, medalhas, troféus, cinza e cinza e cinza. Habituara-se a medir a força da respiração porque sabia que um sopro mais pesado faria desabar a cinza toda sobre os habitantes e asfixiá-los-ia até à morte. Nunca errou a força. Alguém soprou por ela.

O tio Celestino

Não se borram papéis na minha casa, Rosalina.

Nem fitas de seda.

Na minha casa ninguém voa.

Nem um mosquito.

Muito menos uma mosca morta.

*Na minha casa, só entram os vermes que eu deixar, os mais esper-
tos, os que me mordem as entranhas com a tenacidade de um soldado.*

Com o aprumo de um oficial do exército português.

Com a dedicação de um filho da Pátria.

Com a bênção de Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho.

*Quer fazer de mim parvo, Rosalina? Pensa que não estou a ver essa
mancha no dedo indicador direito? Era um ré, Rosalina? Pois era, mas
agora é uma tecla partida. Um dedo partido? Que pena.*

Na minha casa, não há lágrimas.

No meu país, ninguém chora.

Os vivos não choram.

Os mortos também não.

Alguém soprou por ela. A cinza soterrou as sombras e as sombras soterraram a casa. Após o acidente com a arma, as sucessivas operações, a coluna desfeita e a reforma antecipada, ninguém conseguia distinguir o uniforme que era o tio Celestino da cinza propriamente dita. Foi difícil salvá-lo dos escombros. Durante meses ouviram-se rouquejos invocando Deus e o Chefe Supremo das Forças Armadas. Mas a casa era enorme, um trabalho extenuante localizar com precisão a voz das súplicas.

Quando a casa desabou, a tia Alice chamou Rosalina e disse-lhe, a dentadura a tremelicar com o sorriso cabisbaixo: «fazes dezasseis anos daqui a dois meses, já estás uma mulher. Hoje vais conhecer o teu marido. Não te apoquentes filha, boas famílias, negócios prósperos. E um belo pedaço de homem, vais ver.»

Mas Rosalina pouco viu, muito menos no primeiro encontro. Às cinco da tarde, no Inverno, o sol começava a pôr-se. A mancha solar sobrepunha-se exactamente à cara do pedaço de homem que a aguardava com uma caixinha de bombons dourada, um cordel do mesmo tom unindo as duas partes com uma cruz rematada por um laço.

Rosalina ainda tentou, mas não conseguiu olhar para ele, porque tanto sol dourado a ofuscava. Durante dias ficou com a mancha desenhada na retina, até os antepassados nas paredes adquiriam auras de luz majestosas, até a malva no vasinho, até a almofada a que se encostava sem obter sossego. Tão sobreposto ao sol, o noivo, que Rosalina não percebeu se tinha a cara lisa ou se usava bigode, se era escoreito ou usava óculos como o pai ao cimo das escadas de

pedra, se lhe deu a mão ou lhe fez uma festa no cabelo preto, pela primeira vez sem laço. Se tivesse conseguido olhar para cima, teria sabido tudo isso e talvez no céu aparecesse um sinal: eis o teu marido que respeitarás como a mim mesmo. Nesse dia sem laço, as soquetes tinham-se transformado de repente em meias de vidro e ligas que ciliciavam as coxas. A carne protestava no íntimo do que era a rapariga atraída pelo chão. Mas não protestavam os nomes das cidades, nem os dias que subitamente se recusavam a desaparecer do calendário.

O anel que ele lhe ofereceu saiu do embrulhinho como um boneco saltitão, as mãos dele alheias à oferta. A partir desse dia, Rosalina começou a chamar-lhe, em voz calada, Hipólito, ou melhor, Hypolite, *en français*, porque a língua francesa começava a construir dentro de si uma voz doce, como um pressentimento. Lá no fundo, Hypolite preferia ter atirado o anel ao cisne negro, mas enganou-se, enfiou-o no dedo certo (inútil, sem uma mancha de tinta).

De modo que não conheceu o marido nesse dia, nem nos dias e meses seguintes, nem naquele em que o sangue faltou e lhe disseram que nesse caso uma criança nasceria de si como uma lua pequenina.

Não, o noivo nunca lhe deu a mão. No primeiro dia apertou-lha, num cumprimento formal, como quem pergunta «quer conhecer a minha mão direita? Se quiser, ofereço-lhe um bombom, uma aliança e uma história de terror.» Nos dias e meses seguintes, foi-se esquecendo dela. Queria ele lá saber da mão direita, se nem uma manchinha, nem uma gaivota, nem uma águia, nem uma toutinegra, nem um simples pardal a maculava. O corpo inteiro. A cintura, o coração, os peitos a saltar, como antes as joaninhas do bibe. Doíam-lhe muito os peitos. Tão amplos, os mamilos, pequenos e escuros, doíam só com o andar.

Casou. Em Março, o mês vampiro, na Igreja de São Mamede. Ainda conserva as fotografias tiradas nos degraus. Tocaram os sinos. Foi uma festa grande, os irmãos todos calçados, a mãe e o pai de fatos engomados. Disse sim, jurou, repetiu. Alguém a terá empurrado, como à Rainha Margot.

O marido

Se não fosse o caracol solto do laço quando o capitão te apontou, à saída do colégio, nem me tinha dado ao trabalho de ir até ao jardim público. Miúdas com dezasseis anos havia muitas. Todas virgens. Todas com as pernas a tremer de viço e de pavor. Bastava encostar-lhes uma mão à cintura, um dedo à curva do pescoço. Os bailes eram um autêntico festim. Uma palavra, qualquer uma, por exemplo noite

– Está uma noite de fadas, menina Teresinha. Não, de uma fada só, Teresinha

para as deixar no ponto. O caracol solto do laço sugeriu-me: um arremedo de vontade própria a implorar para ser domada; um certo desdém pelo poder que podia vir a ser-me muito útil; gritos de dor e raiva e gozo quando te invadissem o corpo; uma penugem incapaz de resistir à primeira investida. Só atractivos. Desvantagens? Nenhuma.

Desculpa esta fórmula enumerativa, mas foi assim mesmo que a decisão se foi tomando em mim ao ouvir o apelo do capitão, vindo de baixo dos escombros. Por isso lá fui ao encontro, no banco situado de costas para o coreto e de frente para o lago.

Faltava o laço à minha futura mulher. Os caracóis todos arrumadinhos, a franja presa num gancho de tartaruga saído do carrapito da tia Alice. Mesmo assim não desanimei. Prefери deixar-me atrair pelo ondear do peito e pelo vinco que as soquetes tinham deixado, nítido sob as meias de seda. Acreditei que todas as promessas sugeridas se haviam de cumprir, mas enganei-me.

À minha mulher faltou sempre o caracol solto do laço. Faltou uma vontade própria a implorar por submissão. Faltou o grito que nem mesmo as lágrimas substituíam porque as embrulhavas num sorriso demente. Ao fim de seis meses, fui-me embora, claro que me fui embora. Para que queria eu uma mulher que nem sequer sentia o meu desprezo?

Naquela fotografia, o véu era uma nuvem. O mundo, o passado, o futuro, através de uma nuvem que não se parecia nada com um mapa, muito menos com uma asa. Rosalina, a bem dizer, nunca tirou o véu, nunca ninguém lho desviou dos olhos, e não se sente mal assim, pensa muitas vezes que a nitidez é irmã gémea da loucura, convém mantê-las à distância. Noutra fotografia, o padre diz «e a noiva assina o seu apelido de casada». Ela tinha uma letra bonita. O R de Rosalina era um pássaro que nunca se prendia na pintura. Véu, nuvem, manhã, dedos manchados pela tinta do aparato. Dessa vez o tio Celestino não ralhava, estava todo orgulhoso do casamento que tinha conspirado para a sobrinha (a casa reerguida, os galões devolvidos aos ombros, a cinza soprada para longe). Os irmãos todos atrás na fotografia de grupo. Os irmãos e aqueles a quem chamavam mãe e pai (ela também, embora evitasse fazê-lo para não os ver chorar). Rosalina, nos degraus da igreja de São Mamede, por fim no seu lugar, que era onde nada houvesse.

O marido flectia o braço para que o dela se apoiasse. Se debatesse, o arranhasse, lhe pintasse uma borboleta tatuada, o esquecesse. À noite, deitou-se na cama agarrada à flor de laranjeira. Tentava ouvir o mar que nunca vira, antecipava o rugido das ondas integrando-o numa harmonia tão simples como a valsa, fazia da parede a primeira praia onde o leite havia de correr. Ainda tinha os dedos manchados da tinta com que assinara o nome de casada, mas já ninguém ralhava. A unha do polegar esquerdo roída até ao sabugo, mas já ninguém ralhava. Os dedos, incluindo o que agora usava aliança, agarrados

como trepadeiras, ervas ruins, arames, à flor de laranjeira. E enquanto o marido a esfacelava e o sangue aliviava a ferida, os dedos mantinham-se enclavinados no ramo, de repente tornado bolor maligno, chaga, cadáver.

Às tantas o marido roncava ao lado dela. Continuou a roncar noites a fio, enchendo a Casa de Colmo com uma dor ainda mais funda do que aquela que ali morava antes. De uma altura ainda maior que a dos degraus de pedra ao cimo dos quais os irmãos e os pais continuavam a esperá-la como quem espera uma notícia. Uma notícia não se abraça, isso constatava Rosalina de cada vez que lhe sobravam pontos vazios quando pretendia alcançar um saber novo.

Os veludos, os cristais, nada disto se abraça. Rosalina tentava alinhar os cristais numa escala, percutia-os com uma colher de prata. A criada (agora tinham criada, uma rapariga coxa que podia ser sua irmã, chamada Conceição) à coca, aos cochichos com a tia Alice. A tia confiscava-lhe a colher, oferecia-lhe outras fitas de seda, mais pincéis: «Desenha os teus pássaros, aquieta o teu espírito, nem percebes a sorte que tiveste, vais ver que com o tempo há-de vir o amor.»

Com o tempo os pássaros voavam. Podia levar os dedos manchados para a mesa, nem um reparo. Uma senhora, agora. Até havia livrinhos lá em casa, romances de aventuras com personagens corajosas, como ela nem sonhava ser. Chorou quando leu o *Amor de Perdição*, mas na vida dela não chorava. As lágrimas enganavam-se sempre no caminho quando a iam procurar.